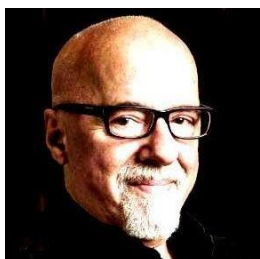


Paulo Coelho (Río de Janeiro, 1947-...), el hacedor brasileño de *best-sellers*



Uno de los autores brasileños más leído en el mundo entero es **Paulo Coelho** (Río de Janeiro, 1947-...), autor de *O Alquimista*, *Monte Cinco* y otras muchas obras, traducido a todos los idiomas y miembro de la **Academia Brasileira de Letras** desde 2002, donde ocupa el asiento 21. **Embajador Europeo del Diálogo Intercultural**, **Mensajero de Paz de las Naciones Unidas**. Ha vendido más de doscientos millones de libros, ha recibido numerosos premios, como la **Legión de Honor** de **Francia**. De familia de clase media-alta (padre ingeniero y madre museógrafa) y fuertemente católica, estudió en los jesuitas. Su padre quiso que fuera ingeniero, pero él era muy rebelde y se negó. Lo internaron por su inadaptación en un psiquiátrico y allí recibió descargas de electroshock. Se dedicó al teatro y al periodismo; intentó hacer derecho, pero también lo dejó; vivió una época **hippy**; escribió letras de canciones, artículos de prensa y guiones de televisión; le tentaron el misticismo y la magia negra, se hizo anticapitalista y tuvo problemas con la dictadura militar, que lo detuvo y lo torturó. Se metió en una discográfica, se casó y se fue a **Londres**, volvió a **Brasil** y se separó y se volvió a casar por segunda vez. Se reencontró con el **catolicismo**, hizo el **camino de Santiago**, vivió en **Tarbes, Francia**, un tiempo y reorientó su vida.

Su primer libro fue *El peregrino de Compostela* (1987), siguieron *El alquimista* (1988), *Brida* (1990), *Las valquirias* (1992), *A orillas del río Piedra me senté y lloré* (1994), *Maktub* (1994), *La quinta montaña* (1996), *Verónica decide morir* (1998), *El Zahir* (2005), *La bruja de Portobello* (2007), *El manuscrito encontrado en Accra* (2012), *Hippie* (2018)...

Coelho es un autor omnipresente en las redes y los medios de comunicación. Escribió muchas columnas que en **España** se difundieron en *El Semanal*. Sin embargo, a pesar de ser un éxito de ventas, es un autor muy discutido y considerado por algunos críticos como un creador menor, porque es de estilo muy simple y lo que hace sobre todo es divulgar cosas que toma de la *Biblia*, *Las mil y una noches*, el *Majabharata* y el *Ramayana*.

El alquimista (1988)

El alquimista es otra de las obras más conocidas de **Paulo Coelho** y muy traducida a todas las lenguas de cultura. Es uno de esos libros de autoayuda, una ficción sobre una búsqueda. Un muchacho que recorre muchos caminos para encontrarse a sí mismo. El fondo de **exotismo** y **misticismo** tan usual en **Coelho** está aquí muy presente. Por cierto, que parte de la historia transcurre en **España**, hasta que el joven protagonista pasa el **Estrecho** y llega a **Marruecos**, en **África**.

En el libro aparecen algunas de las frases más redondas de **Coelho** (tomadas de **Karla Fransieley**, <https://nasuaestante.wordpress.com/2017/04/01/frases-mais-marcantes-do-livro-o-alquimista/>):

“Temos que estar sempre preparados para as surpresas do tempo.”

“É justamente a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante.”

“Todas as pessoas, no começo da juventude, sabem qual é sua Lenda Pessoal. Nessa época, tudo é claro, tudo é possível, e elas não têm medo de sonhar e desejar tudo aquilo que gostariam de fazer na vida. Entretanto, à medida que o tempo vai passando, uma misteriosa força começa a tentar provar que é impossível realizar a Lenda Pessoal.”

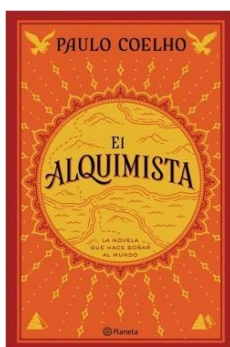
“... São as forças que parecem ruins, mas na verdade estão ensinando a você como realizar sua Lenda Pessoal. Estão preparando seu espírito e sua vontade, porque existe uma grande verdade neste planeta: seja você quem for ou o que faça, quando quer com vontade alguma coisa, é porque esse desejo nasceu na alma do universo. É sua missão na terra.”

“As pessoas aprendem muito cedo sua razão de viver. Talvez seja por isso que elas desistem tão cedo também. Mas assim é o mundo.”

“Se você sair prometendo o que ainda não tem, vai perder a vontade de consegui-lo.”

“... para ela todos os dias eram iguais, e quando todos os dias ficam iguais é porque as pessoas deixaram de perceber as coisas boas que aparecem em suas vidas sempre que o sol cruza o céu.”

“... Para chegar até ele, você terá que seguir os sinais. Deus escreveu no mundo o caminho que cada homem deve seguir. É só ler o que ele escreveu para você.”



“... procure sempre tomar suas decisões.”

“Se Deus conduz tão bem as ovelhas, também conduzirá o homem.”

“... porque às vezes as coisas mudam na vida no espaço de um simples grito, antes que as pessoas possam se acostumar com elas.”

“Sou como todas as pessoas: vejo o mundo da maneira que desejava que as coisas acontecessem, e não da maneira que as coisas acontecem.”

“... Sentiu também que podia olhar o mundo como uma pobre vítima de um ladrão ou como um aventureiro em busca de um tesouro.”

“Não tinha um centavo no bolso, mas tinha fé na vida. Havia escolhido, na noite anterior, ser um aventureiro igual aos personagens dos livros que costumava ler.”

“Nem todos podem ver os sonhos da mesma maneira.”

“... Era a linguagem do entusiasmo, das coisas feitas com amor e com vontade, em busca de algo que se desejava ou em que se acreditava.”

“... O rapaz percebeu talvez esta maneira de pensar a mesma situação: na verdade, ele estava duas horas mais perto do seu tesouro. Mesmo que, para caminhar essas duas horas, tivesse demorado quase um ano.”

“Ainda estava em dúvida quanto à sua decisão, mas percebia uma coisa importante: as decisões eram apenas o começo de alguma coisa. Quando alguém tomava uma decisão, na verdade estava mergulhando numa correnteza poderosa, que levava a pessoa para um lugar que jamais havia sonhado na hora de decidir.”

“Quem está acostumado a viajar, como as ovelhas, sabe que é sempre necessário partir um dia.”

“... ninguém sente medo do desconhecido, porque qualquer pessoa é capaz de conquistar tudo o que quer e necessita. Só sentimos medo de perder aquilo que temos... Mas esse medo passa quando entendemos que nossa história e a história do mundo foram escritas pela mesma Mão.”

“Quando você deseja algo de todo o seu coração, você está mais próximo da Alma do Mundo. Ela é sempre uma força positiva.”

“... Porque não vivo nem no meu passado, nem no meu futuro. Tenho apenas o presente, e ele é o que me interessa. Se você puder permanecer sempre no presente, então será um homem feliz... A vida será uma festa, um grande festival, porque ela é sempre e apenas o momento que estamos vivendo.”

“O que funcionava, sabia ele, era o teste da persistência e da coragem de quem busca sua lenda pessoal. Por isso ele não podia ficar impaciente. Se agisse assim, ia terminar sem ver os sinais que Deus havia posto no seu caminho.”

“... ele entendeu a parte mais importante e mais sábia da linguagem que o mundo falava e que todas as pessoas na terra eram capazes de entender em seus corações. E isto era chamado de Amor, uma coisa mais antiga que os homens e que o próprio deserto, e que no entanto ressurgia sempre com a mesma força onde quer que dois pares de olhos se cruzassem.”

“... é fácil entender que sempre existe no mundo uma pessoa que espera a outra, seja no meio de um deserto, seja no meio das grandes cidades. E quando essas pessoas se cruzam e seus olhos se encontram, todo o passado e todo o futuro perdem qualquer importância; só existe aquele momento e aquela certeza incrível de que todas as coisas debaixo do sol foram escritas pela mesma Mão.”

“Porque o futuro pertence a Deus e Ele só o revela em circunstâncias extraordinárias. E como consigo adivinhar meu futuro? Pelos sinais do presente. No presente é que está o segredo; se você prestar atenção ao presente, poderá melhorá-lo. E se você melhorar o presente, o que acontecerá depois também será melhor. Esqueço o futuro e viva cada dia de sua vida nos ensinamentos da Lei e na confiança de que Deus cuida dos seus filhos. Cada dia traz em si a Eternidade.”

“... Quando Ele mesmo o mostra. E Deus mostra o futuro raramente e por uma única razão: é um futuro que foi escrito para ser mudado.”

“Ama-se porque se ama. Não há qualquer razão para amar.”

“Escute seu coração. Ele conhece todas as coisas, porque veio da Alma do mundo e um dia retornará para ela.”

“... Ninguém consegue fugir do seu coração. Por isso é melhor escutar o que ele diz. Para que jamais venha um golpe que você não espera.”

“... Disse que todo homem feliz era um homem que trazia Deus dentro de si.”

“Sempre antes de realizar um sonho, a Alma do mundo resolve testar tudo aquilo que foi aprendido durante a caminhada. Ela faz isso não porque seja má, mas para que possamos, junto com o nosso sonho, conquistar também as lições que aprendemos seguindo em direção a ele. É o momento em que a maior parte das pessoas desiste...”

“Uma busca começa sempre com a sorte de principiante. E termina sempre com a prova do conquistador.”

“Ninguém deixa de sofrer as consequências de cada coisa que se passa debaixo do sol.”

“Quem interfere na lenda pessoal dos outros nunca descobrirá a sua.”

“Só uma coisa torna um sonho impossível: o medo de fracassar.”

“... quando buscamos ser melhores do que somos, tudo em volta se torna melhor também.”

“Somos nós que alimentamos a alma do mundo, a terra onde vivemos será melhor ou pior se formos melhores ou piores. Aí que entra a força do amor, porque, quando amamos, sempre desejamos ser melhores do que somos.”

“Tudo o que acontece uma vez, pode nunca mais acontecer. Mas tudo o que acontece duas vezes, acontecerá certamente uma terceira.”

Pero veamos algunos fragmentos de este libro-superventas, auténtico fenómeno editorial del libro de hoy:

Contra los gitanos

En este fragmento, se ve cómo los **prejuicios anti-romaníes** siguen vigentes. El protagonista conoce a una vieja gitana y enseguida desconfía de ella, aunque luego verá que no tiene motivo para ello.

“A velha conduziu o rapaz até um quarto no fundo da casa, separado da sala por uma cortina feita de tiras de plástico colorido. Lá dentro havia uma mesa, uma imagem do Sagrado Coração de Jesus e duas cadeiras.

A velha sentou-se e pediu que ele fizesse o mesmo. Depois segurou as duas mãos dele e rezou baixo.

Parecia uma reza cigana. O jovem pastor já havia encontrado muitos ciganos pelo caminho; eles viajavam e entretanto não cuidavam de ovelhas. As pessoas diziam que a vida de um cigano era sempre enganar os outros. Diziam também que eles tinham pacto com demônios e que raptavam crianças para servirem de escravas em seus misteriosos acampamentos. Quando era pequeno, o rapaz morria de medo de ser raptado pelos ciganos, e esse temor antigo voltou enquanto a velha segurava suas mãos.” (p. 33).

El secreto de la felicidad

El protagonista de **El alquimista** encuentra un viejo rey del que aprende muchas cosas, por ejemplo, que todo es una cosa sola y que cada uno debe ir hasta el fin de su **Leyenda Personal**. El viejo rey le cuenta una especie de **parábola**.

“O rapaz guardou as pedras no alforje. Daqui por diante, tomaria suas próprias decisões.

— Não se esqueça de que tudo é uma coisa só. Não se esqueça da linguagem dos sinais. E, sobretudo, não se esqueça de ir até o fim de sua Lenda Pessoal.

«Antes, porém, gostaria de contar—lhe uma pequena história.

«Certo mercador enviou seu filho para aprender o Segredo da Felicidade com o mais sábio de todos os homens. O rapaz andou durante quarenta dias pelo deserto, até chegar a um belo castelo, no alto de uma montanha. Lá vivia o Sábio que o rapaz buscava.

«Ao invés de encontrar um homem santo, porém, o nosso herói entrou numa sala e viu uma atividade imensa; mercadores entravam e saíam, pessoas conversavam pelos cantos, uma pequena orquestra tocava melodias suaves, e havia uma farta mesa com os mais deliciosos pratos daquela região do mundo.

O Sábio conversava com todos, e o rapaz teve que esperar duas horas até chegar sua vez de ser atendido.

«O Sábio ouviu atentamente o motivo da visita do rapaz, mas disse-lhe que naquele momento não tinha tempo de explicar-lhe o Segredo da Felicidade. Sugeriu que o rapaz desse um passeio por seu palácio, e voltasse daqui a duas horas.

— Entretanto, quero lhe pedir um favor — completou o Sábio, entregando ao rapaz uma colher de chá, onde pingou duas gotas de óleo. — Enquanto você estiver caminhando, carregue esta colher sem deixar que o óleo seja derramado.

O rapaz começou a subir e descer as escadarias do palácio, mantendo sempre os olhos fixos na colher. Ao final de duas horas, retornou à presença do Sábio.

— Então — perguntou o Sábio — você viu as tapeçarias da Pérsia que estão na minha sala de jantar? Viu o jardim que o Mestre dos Jardineiros demorou dez anos para criar?

Reparou nos belos pergaminhos de minha biblioteca?

«O rapaz, envergonhado, confessou que não havia visto nada. Sua única preocupação era não derramar as gotas de óleo que o Sábio lhe havia confiado.

— Pois então volte e conheça as maravilhas do meu mundo — disse o Sábio. — Você não pode confiar num homem se não conhece sua casa.

«Já mais tranquilo, o rapaz pegou a colher e voltou a passear pelo palácio, desta vez reparando em todas as obras de arte que pendiam do teto e das paredes.

Viu os jardins, as montanhas ao redor, a delicadeza das flores, o requinte com que cada obra de arte estava colocada em seu lugar.

De volta à presença do Sábio, relatou pormenorizadamente tudo que havia visto.

— Mas onde estão as duas gotas de óleo que lhe confiei? — perguntou o Sábio.

«Olhando para a colher, o rapaz percebeu que as havia derramado.

— Pois este é o único conselho que eu tenho para lhe dar — disse o mais Sábio dos Sábios. — O segredo da felicidade está em olhar todas as maravilhas do mundo, e nunca se esquecer das duas gotas de óleo na colher».

O rapaz ficou em silêncio. Havia compreendido a história do velho rei.” (pp. 54-56).

Adivinar el futuro

“Até que um deles, o mais velho (e o mais temido), perguntou porque o camaleão estava tão interessado em saber o futuro.

— Para que possa fazer as coisas — respondeu o camaleiro. — E mudar o que não gostaria que acontecesse.

— Então deixará de ser seu futuro — respondeu o adivinho.

— Talvez então eu queira saber o futuro para me preparar para as coisas que virão.

— Se forem coisas boas, isto será uma agradável surpresa — disse o adivinho. — Se forem coisas ruins, você estará sofrendo muito antes delas acontecerem.

— Quero saber o futuro porque sou um homem — disse o camaleiro para o adivinho. E os homens vivem em função do seu futuro.

O adivinho ficou quieto por algum tempo. Ele era especialista no jogo de varetas, que eram atiradas no chão e interpretadas da maneira que caíam. Naquele dia ele não jogou as varetas. Envolveu-as num lenço e tornou a colocar no bolso.

— Ganho a vida adivinhando o futuro das pessoas — disse ele. — Conheço a ciência das varetas, e sei como utilizá-la para penetrar neste espaço onde tudo está escrito.

Ali posso ler o passado, descobrir o que já foi esquecido, e entender os sinais do presente.

«Quando as pessoas me consultam, eu não estou lendo o futuro; estou adivinhando o futuro. Porque o futuro pertence a Deus, e ele só o revela em circunstâncias extraordinárias. E como consigo adivinhar o futuro? Pelos sinais do presente. No presente é que está o segredo; se você prestar atenção no presente, poderá melhorá-lo. E se você melhorar o presente, o que acontecerá depois também será melhor.

Esqueça o futuro e viva cada dia de sua vida nos ensinamentos da Lei, e na confiança de que Deus cuida dos seus filhos.

Cada dia traz em si a Eternidade».

O camaleiro quis saber quais as circunstâncias em que Deus permitia ver o futuro:

— Quando Ele mesmo o mostra. E Deus mostra o futuro raramente, e por uma única razão: é um futuro que foi escrito para ser mudado.

Deus tinha mostrado um futuro ao rapaz, pensou o camaleiro. Porque queria que o rapaz fosse o Seu instrumento.

— Vá falar com os chefes tribais — disse o camaleiro. — Conte dos guerreiros que se aproximam.

— Eles vão rir de mim.

— São homens do deserto, e os homens do deserto estão acostumados com os sinais.

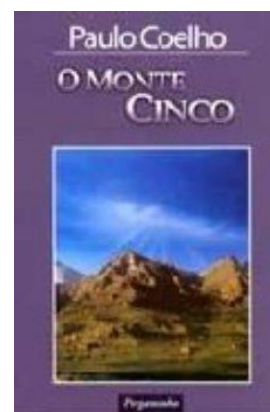
— Então já devem saber.

— Não estão preocupados com isto. Acreditam que se tiverem que saber algo que Allah deseje lhes contar, alguma pessoa lhes dirá isto. Já aconteceu muitas vezes antes. Mas hoje, esta pessoa é você.

O rapaz pensou em Fátima. E resolveu ir ver os chefes tribais.”

Monte Cinco (1996)

En *Monte Cinco*, otro de los relatos donde aparecen las principales características de la narrativa de **Coelho** (sencillez, exotismo, misticismo, tono bíblico-parabólico...), cuenta la historia del profeta **Elías**, los momentos de infortunio por los que pasa, sus triunfos, sus dudas y enfados con **Dios**... Inspirado en un breve pasaje de la Biblia (**IReyes**, 18, 8.24), Elías recibe de **Dios** la orden de abandonar **Israel** y acercarse a la ciudad de **Akbar**. Es una obra llena de esperanza para el hombre contemporáneo. ¿Somos dueños de nuestro destino? Esta es la pregunta fundamental que se plantea en la novela, escrita en el estilo fácil característico de **Coelho**.



La obra está ambientada en un mundo difícil, de lucha de civilizaciones, en un momento en que los **griegos** se habían adueñado de la idea de **alfabeto** de los **fenicios**. La posibilidad de reproducir fielmente **por escrito** las palabras sagradas de la comunidad desagradaba profundamente a los **sacerdotes**, que veían en esta invención una amenaza para su poder.

Veamos algunos fragmentos:

El alfabeto y lo sagrado

“Porque [os Assírios] estariam prestes a acabar centenas de anos de paz? Ele sabia a resposta: a invenção de Biblos. O seu país desenvolvera uma forma de escrita acessível a todos – mesmo àqueles que não estavam preparados para utilizá-la. Qualquer pessoa podia aprendê-la em pouco tempo, e isso seria o fim da civilização.

O sacerdote sabia que, de todas as armas de destruição que o homem fora capaz de inventar, a mais terrível – e a mais poderosa – era a palavra. Punhais e lanças deixavam vestígios de sangue; flechas podiam ser vistas à distância. Venenos acabavam por ser detectados e evitados.

Mas a palavra conseguia destruir sem pistas. Se os rituais sagrados pudessem ser difundidos, muita gente iria poder utilizá-los para tentar modificar o universo, e os deuses ficariam confusos. Até àquele momento, só a casta sacerdotal conhecia a memória dos antepassados – que era transmitida oralmente, sob juramento de que as informações seriam mantidas em segredo. Ou então, eram necessários anos de estudo para conseguir decifrar os caracteres que os Egípcios tinham espalhado pelo mundo; desta maneira só os que estavam muito preparados – escribas e sacerdotes – podiam trocar informações.

Otras culturas possuíam as suas formas rudimentares de registo da história, mas eram tão complicadas que ninguém se preocuparia em tentar aprendê-las fora das regiões onde eram usadas. A invenção de Biblos, porém, tinha um aspecto explosivo: podia ser usada por qualquer país, independente da língua que o seu povo falasse. Até mesmo os Gregos, que geralmente rejeitavam tudo o que não nascesse nas suas cidades, já haviam adoptado a escrita de Biblos como prática corrente nas transacções comerciais. Como eram especialistas em se apropriar de tudo o que pudesse ser novidade, já tinham baptizado a invenção de Biblos com um nome grego: *alfabeto*.

Os segredos guardados durante séculos de civilização corriam o risco de serem expostos à luz.” (pp. 51-53)

Del politeísmo al monoteísmo

“Quer dizer que, na tua opinião, o mesmo deus que fez a tempestade, fez também o trigo, embora sejam coisas completamente diferentes.

-Vê o Monte cinco? –perguntou Elias.- De cada lado que o olhar, vai parecer-lhe diferente –embora seja a mesma montanha. Assim é com tudo o que foi criado: muitas faces do mesmo Deus.” (pp. 58-59)

¿Qué quiere decir “Monte Cinco”?

“- Vim procurar um pouco de inspiração. A escrita que estou a aprender fez-me pensar no Senhor dos vales, dos montes, da cidade de Akbar. Alguns comerciantes deram-me tintas de todas as cores, porque desejam que eu escreva para eles. Pensei em usá-las para descrever o mundo em que vivo, mas sei que é difícil: embora eu tenha as cores, so o Senhor consegue misturá-las com tanta harmonía.

Ela manteve o olhar fixo no Monte Cinco. Era uma pessoa completamente diferente daquela que encontrara há alguns meses atrás, juntando lenha na porta da cidade. A sua presença solitaria, no meio do deserto, inspirava-lhe confiança e respeito.

- Porque é que todas as outras montanhas têm nome, excepto o Monte Cinco - que é chamado por um número? - perguntou Elias.

- Para nao criar urna briga entre os deuses - respondeu ela. - A tradição conta que, se o homem tivesse colocado naquela montanha o nome de um deus especial, os outros ficariam furiosos e destruiriam a Terra. Por isso se chama Monte Cinco; porque é o quinto monte que vemos para lá das muralhas. Desta maneira, não ofendemos ninguém - e o Universo continua no seu lugar.

Ficaram silenciosos por algum tempo” (pp.105-106)

El sistema de Biblos

“Ficaram silenciosos por algum tempo. A mulher quebrou o silencio:

- Além de reflectir sobre as cores, penso também no perigo da escrita de Biblos. Ela pode ofender os deuses fenicios, e o Senhor nosso Deus.

- So existe o Senhor - interrompeu Elias. - E todos os países civilizados têm a sua escrita.

- Mas é diferente. Quando crianza, costumava ir até à praça, para assistir ao trabalho que o pintor de palavras fazia para os mercadores. Os seus desenhos -baseados na escrita egipcia- exigiam pericia e conhecimento. Agora, o antigo e poderoso Egipto está em decadência, sem dinheiro para comprar nada, e ninguém utiliza mais a sua linguagem; navegantes de Tiro e Sidon divulgam a escrita de Biblos pelo mundo inteiro. As palavras e cerimónias sagradas podem ser colocadas em pequenas placas de barro, e transmitidas de um povo a outro. O que será do mundo, se pessoas sem escrúpulos começarem a usar os rituais para interferir no Universo?

Elias entendía o que a mulher estava a dizer. A escrita de Biblos era baseada num sistema muito simples: bastava transformar os desenhos egipcios em sons, e depois designar urna letra

para cada som. Colocando estas letras por ordem, era possível criar todos os sons possíveis, e descrever tudo o que existia no Universo.

Alguns destes sons eram muito difíceis de pronunciar. A dificuldade fora resolvida pelos Gregos, que incluíram mais cinco letras -apelidadas de *vogais*-a os vinte e poucos caracteres de Biblos. Baptizaram esta adaptação de *alfabeto*, nome que agora era utilizado para definir a nova forma de escrita.

Isto facilitara muito o contacto comercial entre as diversas culturas. O sistema egípcio exigia muito espaço e habilidade para desenhar as ideias, e um profundo conhecimento para interpretá-las; fora imposto aos povos conquistados, mas não conseguirá sobreviver a decadência do seu Império. O sistema de Biblos, entretanto, espalhava-se rapidamente pelo mundo e já não dependia da força económica da Fenícia para ser adoptado.

O método de Biblos, com a adaptação grega, agradara aos mercadores de diversas nações; como acontecia desde os tempos antigos, eram eles que decidiam o que devia permanecer na História, e o que desapareceria com a morte de tal rei ou de tal personagem. Tudo indicava que a invenção fenícia estava destinada a ser a linguagem comum dos negócios e a sobreviver aos seus navegadores, aos reis, as princesas sedutoras, aos produtores de vinho, aos mestres vidreiros.

- Deus desaparecerá das palavras? - perguntou a mulher.

- Continuará nelas - respondeu Elias. - Mas cada pessoa será responsável diante Dele, por tudo o que escrever.

Ela tirou da manga do seu vestido uma pequena placa de barro, com alguma coisa escrita.

- O que significa? - perguntou Elias.

- E a palavra *amor*.

Elias manteve a placa nas mãos, sem ter coragem de perguntar porque lhe entregara ela aquilo. Naquele pedaço de argila, alguns rabiscos resumiam o motivo das estrelas continuarem nos céus, e dos homens caminharem pela terra.

Fez menção de devolvê-la, mas ela recusou.

- Escrevi para si. Conheço a sua responsabilidade, sei que um dia precisará de partir, e que se transformará em inimigo do meu país - pois deseja aniquilar Jezabel. Nesse dia, pode ser que eu esteja a seu lado, dando-lhe suporte e apoio para que cumpra bem a sua tarefa. Ou pode ser que eu lute contra si, porque o sangue de Jezabel é o sangue do meu país; esta palavra, que agora tem nas mãos, está repleta de mistérios. Ninguém pode saber o que ela desperta no coração de uma mulher- nem mesmo os profetas que conversam com Deus.

- Conheço a palavra que escreveu - disse Elias, guardando a pequena placa numa prega do seu manto. - Tenho lutado dia e noite contra ela, porque - embora não saiba o que ela desperta no coração de uma mulher - sei o que é capaz de fazer com um homem. Tenho a coragem suficiente para enfrentar o rei de Israel, a princesa de Sidon, o Conselho de Akbar, mas esta única palavra - *amor* - causa-me um terror profundo. Antes de a desenhar na placa, os seus olhos já a haviam escrito no meu coração.

Os dois ficaram em silêncio. Havia a morte do assírio, o clima de tensão na cidade, o chamamento do Senhor que podia ocorrer a qualquer momento; mas a palavra que ela escrevera, era assim mais poderosa até que o Sol se escondesse atrás do Monte Cinco.

- Obrigada - disse ela no caminho de volta. - Faz já muito tempo que desejava passar um final de tarde consigo.

Quando chegaram a casa, um emissário do governador aguardava-o. Pedia a Elias para ir imediatamente até ele.” (pp. 107-108)

La importancia del papel

“Elias continuou calado: não queria dividir com ela as suas preocupações. Sentou-se a um canto da sala, e ficou absorto nos seus pensamentos. O menino saiu para brincar com os amigos.

«Ele precisa de silêncio», disse a mulher para si mesma, e procurou concentrar-se no trabalho.

Levou o resto da manhã para completar algumas palavras que poderiam ter sido escritas em metade do tempo, e sentiu-se culpada por não estar a fazer o que esperavam dela; afinal de contas, pela primeira vez na vida tinha o ensejo de sustentar a família.

Voltou ao trabalho; estava usando o papiro, material que um mercador vindo do Egito trouxera recentemente -pedindo que anotasse algumas mensagens comerciais que precisava enviar a Damasco. A folha não era da melhor qualidade, e a tinta borrava a cada momento. - Mesmo com todas estas dificuldades, é melhor do que desenhar no barro.

Os países vizinhos tinham o costume de mandar as suas mensagens em placas de argila ou em couro de animais. Embora o Egito fosse um país decadente, com uma escrita ultrapassada, pelo menos tinham descoberto uma maneira prática e leve de registar o seu comércio e a sua história; os Egípcios cortavam em tiras uma planta que nascia nas margens do Nilo, e conseguiam -por um processo simples- colar estas tiras uma ao lado da outra, formando uma folha meio amarelada. Em Akbar tinham de importar o papiro, porque era impossível cultivá-lo no vale. Embora fosse caro, os mercaderes preferiam usá-lo, pois conseguiam colocar as folhas escritas no bolso -o que seria impossível fazer com as placas de argila e as peles de animais.

«Está a ficar tudo mais simples», pensou. «É pena que seja necessária a autorização do governo para usar o alfabeto de Biblos no papiro.» Uma lei ultrapassada continuava ainda a obrigar os textos escritos a passarem pela fiscalização do Conselho de Akbar.

Assim que terminou o trabalho, mostrou-o a Elias que passara todo aquele tempo olhando, sem comentar nada.

-Gosta do resultado? -perguntou. Ele pareceu sair de um transe.

-Sim, está bonito -respondeu, sem prestar atenção ao que dizia.

Devia estar a conversar com o Senhor. E ela não queria interrompê-lo. Saiu, e foi chamar o sacerdote.

Quando voltou, Elias ainda estava sentado no mesmo lugar. Os dois homens encararam-se. Nenhum deles disse nada durante muito tempo.

Foi o sacerdote quem quebrou o silêncio.

-Tu es um profeta, e falas com os anjos. Eu apenas interpreto as leis antigas, executo rituais, e procuro defender o meu povo dos erros que comete. Por isso sei que esta não é uma luta entre homens. É uma batalha dos deuses -e não devo evitá-la.

-Admiro a sua fé, embora o senhor adore deuses que não existem - respondeu Elias. - Se a situação actual é, como diz, digna de uma batalha celestial, o Senhor usar-me-á como instrumento para derrotar Baal e os seus companheiros do Monte Cinco. Teria sido melhor se tivesse ordenado o meu assassinato.

-Pensei nisso. Mas não foi necessário; no momento certo, os deuses agiram a meu favor.

Elias não respondeu. O sacerdote virou-se, e pegou no papiro onde a mulher acabara de escrever o seu texto.

-Está bem feito -comentou. Depois de o ler cuidadosamente, tirou o seu anel do dedo, molhou-o numa das pequenas vasilhas de tinta, e aplicou o seu selo no canto esquerdo. Se alguém fosse descoberto levando um papiro sem o selo do sacerdote, podia ser condenado à morte.

-Porque é que o senhor tem que fazer sempre isso? -perguntou ela.

-Porque estes papiros transportam ideias -respondeu ele.- E as ideias têm poder.

-São apenas transacções comerciais.

-Mas podiam ser planos de batalha. Ou uma relação das nossas riquezas. Ou as nossas preces secretas. Hoje em dia, com as letras e os papiros, tornou-se fácil roubar a inspiração de um povo. É difícil esconder as placas de barro, ou o couro de animais; mas a combinação do papiro com o alfabeto de Biblos pode acabar com a cultura de um país, e destruir o mundo. Uma mulher entrou a correr.

-Sacerdote! Sacerdote! Venha ver o que se está a passar!

Elias e a viúva seguiram-no. Surgiam pessoas de todos os cantos, dirigindo-se para o mesmo lugar; o ar ficava praticamente irrespirável com a poeira que levantavam. As encurvaduras corriam à frente, rindo e fazendo algazarra. Os adultos caminhavam devagar, em silêncio.

Quando chegaram à porta Sul da cidade, uma pequena multidão já ali estava reunida. O sacerdote abriu caminho por entre ela, e deparou-se com o motivo de toda aquela confusão.

Uma sentinela de Akbar estava ajoelhada, com os braços abertos, as mãos pregadas numa madeira colocada sobre os seus ombros. As suas roupas estavam em farrapos, e o olho esquerdo tinha sido vazado por um pequeno ramo.

No peito, escritos com golpes de punhal, viam-se alguns caracteres assírios. O sacerdote entendia o egípcio, mas a língua assíria ainda não era importante o bastante para ser aprendida e decorada; foi necessário pedir a ajuda de um comerciante que assistia à cena. «Declaramos guerra» é o que está escrito, traduziu o homem.

As pessoas em volta não disseram uma palavra. Elias podia ver o pânico estampado nas suas faces.

- Entregue-me a sua espada - disse o sacerdote para um dos soldados presentes.

O soldado obedeceu. O sacerdote pediu que avisassem o governador e o comandante do que tinha ocorrido. Em seguida, com um golpe rápido, enfiou a lâmina no coração da sentinela ajoelhada.

O homem soltou um gemido e caiu por terra. Estava morto, livre da dor e da vergonha de se ter deixado capturar.” (pp. 120-122)

Elogio del alfabeto

“[Elias] Resolveu desfazer as sacólas, e colocar cada coisa no seu lugar. Descobriu que ela levava consigo, além das poucas roupas que possuía, os instrumentos para desenhar os caracteres de Biblos.

Pegou num estilete, molhou urna pequena placa de barro, e começou a rabiscar algumas letras; aprendera a escrever enquanto olhava a mulher trabalhando.

«Que coisa simples e genial», pensou, tentando distrair-se. Muitas vezes, quando ia ao poço buscar água, escutava os comentários das mulheres: «os Gregos roubaram a nossa invenção mais importante.» Elias sabia que não era assim: a adaptado que eles tinham feito, ao incluir as vogais, transformara o alfabeto em algo que todos os povos e nações poderiam usar. Além do mais, chamavam as suas colecções de pergaminhos biblias, em homenagem à cidade onde ocorrera a invenção.

As biblias gregas eram escritas em couro de animais. Elias acreditava que era urna maneira muito frágil de guardar as palavras; o couro não era tão resistente quanto as placas de barro, e podia ser roubado facilmente. Os papiros rasgavam-se depois de algum tempo de manuseio, e eram destruídos pela água. «As biblias e papiros não resultarão certo; so as placas de barro estão destinadas a permanecer para sempre», reflectiu.

Caso Akbar sobrevivesse por mais algum tempo, iria recomendar ao governador que mandasse escrever toda a historia do seu país, e guardasse as placas de barro numa sala especial -de modo que as gerações futuras pudessem consultá-las. Desta maneira, se por acaso os sacerdotes fenicios -que guardavam na memoria a historia de seu povo- fossem dizimados um día, os feitos dos guerreiros e dos poetas não seriam esquecidos.

Brincou durante algum tempo, desenhando as mesmas letras em ordem diferente, e formando varias palavras. Ficou maravilhado com o resultado. A tarefa relaxou-o, e ele voltou para a cama.” (pp. 143-144)